

# O duplo nos contos de Machado de Assis: *Capítulo dos chapéus*

*Anna Palma*

## **Resumo**

Na literatura ocidental do séc. XIX se afirma a tradição do duplo nos contos de diferentes autores, como Poe e Gogol, citados neste trabalho. Machado de Assis, autor brasileiro, mas cujos conhecimentos literários o colocam entre os outros autores ocidentais em geral, também faz do duplo uma característica de vários de seus contos. Um deles, *Capítulo dos Chapéus*, pertencente à coletânea *Histórias sem Data*, é objeto da análise contida neste trabalho, visando aprofundar a importância da descoberta do *duplo* na sua narrativa. Críticas sobre Machado e suas obras, são aqui consideradas para demonstrar a “intenção do duplo” na construção da trama e das personagens neste conto e em *O Espelho*.

As personagens femininas assumem uma importância fundamental no final desta análise, dentro da narrativa com a presença do duplo, abrindo o caminho para uma maior investigação do papel das mulheres nas obras do autor carioca do séc. XIX.

Palavras-Chave: Literatura do séc. XIX, duplo, conto, Machado de Assis, intenção do autor, personagens femininas.

## **Abstract**

In the occidental literature of XIX Century, the tradition of the *double* is affirmed by different authors, as Poe and Gogol, cited in this work. Machado de Assis, Brazilian author, but whose literary knowledge places him between the others occidental authors, also makes of the double a characteristic of several of

his stories. One of them, *Capítulo dos Chapéus*, pertaining to the collectanea *Histórias sem Data*, is the object of the analysis contained in this work, aiming at to deepen the importance of the discovery of the double in its narrative. Critics on Machado and his workmanships, are considered here to demonstrate the “intention of the double” in the construction of the literary plot and in the personages of that short story and also in *O Espelbo*. The feminine personages assume a basic importance in the end of this analysis, inside of the narrative with the presence of the double, opening the way for a great inquiry of the rule of the women in the workmanships of the Carioca author of XIX Century.

Keywords: XIX Century Literature, double, short story, Machado de Assis, author’s intentions, feminine personages.

O presente artigo trata a questão do duplo nos contos de Machado de Assis, analisada, sob esta perspectiva, a partir da leitura crítica de *Capítulo dos chapéus*, pertencente à coletânea *Histórias sem Datas*, publicada em 1884. A duplicidade presente neste conto vai também ser observada à luz dos comentários críticos de Antônio Candido, Eugênio Gomes e L. Augusto Fischer.

As prováveis influências do duplo em alguns dos contos de Machado de Assis se encontram nos contos da literatura ocidental do séc. XIX como *William Wilson* de Poe, e *O capote* e *O nariz* de Gogol.

*Capítulo dos chapéus* leva à descoberta da duplicidade nas atitudes e nas essências dos seus protagonistas, provocada pelo *efeito póstumo de Machado*, afetando todo leitor que procura os significados e as intenções despercebidas em uma primeira leitura do conto. É a genialidade criadora de Machado, capaz de provocar em cada um de nós um processo de autodescobrimento de vários *outros* e *outras*.

Candido<sup>1</sup>, em seu ensaio *Esquema de Machado de Assis*, fala de um Machado “enigmático e bifronte, [...] escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias ‘que todos podiam ler.’” Continuando, o define como “rapaz alegre e mais tarde comedido”, sob o qual “funcionava um escritor poderoso e atormentado”. Os seus livros tinham uma aparência de “respeito humano e boas maneiras” para poder, debaixo dela, “desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade”. Especialmente quando chegou à maturidade, ou seja, aos quarenta anos, o autor alcançou um estilo que Candido define *refinado*, e *ironia fina*, e “timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar”. Tudo isso enquanto o naturalismo em voga se preocupava com “a descrição minuciosa da vida fisiológica”<sup>2</sup>. O crítico ressalta que só no decênio 1930 vai aparecer uma nova maneira, que pode ser chamada psicológica, de

---

1 Candido, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, pp. 7 e 18.

2 Idem, p. 19.

interpretação literária. Nascia então para a crítica a noção “de que era preciso ler Machado, não com os olhos convencionais, não com argúcia acadêmica, mas com o senso do desproporcionado e mesmo o anormal”. Especialmente foi Lúcia Miguel-Pereira, segundo Candido, a chamar a atenção “para os fenômenos de ambigüidade que pululam na sua ficção, obrigando a uma leitura mais exigente”<sup>3</sup>. No seu centenário do nascimento, em 1939, Machado era, portanto, visto em uma nova dimensão, como o “criador de um mundo paradoxal, o experimentador, o desolado cronista do absurdo”<sup>4</sup>.

*Capítulos dos chapéus* pertence ao livro *Histórias sem data* e, assim como os outros contos da coletânea, è datado. Este especificamente é abril de 1879. Provavelmente existe uma ligação importante entre a data que Machado escolheu para a sua história e a história do Brasil, como a presença dos *ingleses*, que chamavam a atenção das mulheres do nosso conto. Pesquisando um pouco mais sobre os homens ingleses na cidade pode-se facilmente descobrir que, a partir do ano 1871, uma empresa inglesa está tentando a difícil construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, obra sem êxito pelas enormes dificuldades que a região (Rondonia) apresentava<sup>5</sup>. Mas estas informações estão longe de poder ajudar o leitor, por exemplo, a conhecer como a sociedade carioca da época de Machado se referia aos ingleses em suas sátiras ou charges, e as leituras que podemos fazer desse conto, e do resto de suas obras, serão sempre através das lentes da posteridade que, se por um lado parecem uns empecilhos para uma completa compreensão, por outro lado consagram a grandeza de Machado de Assis todas as vezes que nasce uma nova interpretação de um seu conto e de um seu romance, feita por leitores de gerações posteriores a dele.

Mariana e Sofia são as duas personagens femininas que marcam o conto, sendo Mariana a principal. Segundo a classificação de L. Augusto Fischer *Capítulo dos chapéus* é um conto psicológico ou estético. Caracterizados por uma composição que vai “além dos standard românticos e para além das facilidades realistas” os contos estéticos pertencem, segundo este autor, à produção madura de Machado de Assis<sup>6</sup>. Outras características são: o narrador muito presente, que intervém na cena, e personagens muito fortes, além da utilização de uma forma literária inventiva. Os outros contos de Machado são classificados por Fischer como pertencentes ao *conto moral*, ou conto-teoria, no qual o narrador é quase ausente, mudo, os personagens são mais caricaturas, e apresenta-se em formas literárias já consagradas, como: fábula, parábola, dialogo, lenda, apólogo. Eugenio Gomes já tinha feito a divisão dos contos machadianos de boa qualidade em dois grupos, um de feição psicológica e outro de feição moral. O trabalho de Fischer se destaca por detectar esta diferença a partir da posição e do desempenho do narrador<sup>7</sup>.

Eugênio Gomes reconhecia uma duplicidade já na pessoa de Machado de Assis, a guisa de um Dr. Jeckill e Mr. Hide. Ou seja, de um lado o “pacífico burguês” e do outro “a máscara do artista”, utilizada pelo primeiro para denunciar de forma irônica

3 Idem, p. 20.

4 Idem, p. 23

5 < [http://www.rondonia.ro.gov.br/secretarias/secel/estrada\\_ferro\\_%20primeiros\\_estudos.htm](http://www.rondonia.ro.gov.br/secretarias/secel/estrada_ferro_%20primeiros_estudos.htm) > acesso em 10 ago. 2005

6 Fischer, Luis Augusto. Contos de Machado: da ética à estética. In: Machado de Assis, uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998, p. 155.

7 Idem, p. 155.

“as experiências do homem social”<sup>8</sup>. No ensaio *O artista e a sociedade*, Gomes faz outra observação de grande relevância para este trabalho, ou seja, que Machado era o escritor brasileiro do seu tempo que mais se preocupava com o que Balzac chamava a metafísica das coisas, especialmente com as coisas relacionadas a *toilette*. Preocupação que é relevada, continua Gomes, em alguns títulos das suas obras, como *Capítulo dos Chapéus*. A prova da presença dessa filosofia na obra de Machado está no romance *Quincas Borbas* onde o narrador diz que “as reflexões de parceria entre os homens e as coisas compõem um dos mais interessantes fenômenos da terra”<sup>9</sup>. Gledson é mais um crítico que destaca como depois da chamada *crise dos quarenta* “o poder da prosa de Machado ganha uma intensidade e uma confiança inéditas”. E segundo ele a prosa machadiana “se torna multidimensional, em grande parte por conta do humor” e, neste processo, se destaca a dimensão histórica específica, local<sup>10</sup>.

*Capítulo dos chapéus* contém uma interseção de duplicidades que parecem tomar vida uma da outra. O sarcasmo com o qual o *mestre* Machado se prende jogo dos leitores produz uma narrativa capaz de agradar seja aqueles a favor das atitudes e das escolhas dos personagens seja aqueles contra as mesmas. Na literatura ocidental pós-medieval nasceu uma subtradição que trata do *duplo*, do *sósia*. O indivíduo é um ente fraturado desdobrando-se no *outro*, projetando-se no *outro*. O *outro* pode ser uma projeção-pessoa, em uma gradativa constituição do *sósia*, como no conto *William Wilson* de Poe, e pode também se desdobrar em um objeto, em *O capote* e *O nariz* de Gogol. Estas e outras literaturas influenciaram provavelmente a narrativa de Machado de Assis, e no *Capítulo dos chapéus* a ambigüidade da protagonista Mariana é também determinada pelo olhar, levada quase aos extremos, banalizada, deixando o leitor com a *ambígua* sensação de não saber se, ao final, existe ou não.

A duplicidade de Mariana começa pelo nome, composto por Maria e Ana. Além disso, a moça tinha subido uma brusca mudança em sua vida, sendo que de solteira teve “vida de andarilha”, enquanto de casada era de “hábitos quietos” e só estava bem em casa, tinha amor de mãe a móveis, cortinas, ornatos. “Concordância da pessoa com o meio”, Mariana apresentava os mesmos hábitos mentais, simbolizados, entre outros, pelas leituras às quais se dedicava. Ela sempre lia os mesmos livros, repetidas vezes. O desejo de ascensão social, muito bem satirizado em *O nariz* de Gogol, no qual o assessor Kovalióv acorda um dia e, olhando-se no espelho, um elemento característico na literatura do *duplo*, descobre que está sem nariz, e que sem ele não pode ser o que aspira ser, pode ser encontrado em outra chave no conto de Machado. Aqui não temos o olhar em um espelho, mas o olhar de Mariana nos objetos da casa que são as coisas às quais ela aspira. Se no primeiro está presente uma redução histórico-social russa, no segundo temos uma da sociedade burguesa de Rio de Janeiro.

Não podemos esquecer de fato que a literatura, como Cândido afirma na *Dialética da malandragem*, representa uma redução social dos dados externos, é uma

8 Gomes, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958, p. 61.

9 Idem, p. 69.

10 GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: O Machete e o Violoncelo. In: Contos, uma antologia. Gledson (org.). São Paulo: Companhia das letras: 1998, pp. 30 e 31.

formalização da realidade<sup>11</sup>. Schwarz põe o acento na importância da forma como “síntese profunda do movimento histórico, em oposição à relativa superficialidade da reprodução documentária”. E ainda diz que “leitura estética e globalização histórica são parentes”<sup>12</sup>, ou seja, como coloca no mesmo trabalho, “a junção de romance e sociedade se faz através da forma” e “antes de intuída pelo romancista, a forma que o crítico estuda foi produzida pelo processo social” e segundo ele “também o real é visto sob o signo dela”, isto é, da forma<sup>13</sup>. As obras de Machado, longe de pertencerem ao realismo-naturalismo que, aliás, foi chamado por ele de *poética do inventário* em sentido pejorativo (ver sua crítica ao *Primo Basílio* de Eça de Queiroz)<sup>14</sup>, deixam o leitor com a sensação de estar penetrando nas sutilezas das relações sociais do Brasil do final do séc. XIX, guiados pelo sarcasmo e pela ironia deste autor.

À diferença da literatura brasileira romântica que buscava suas formas na tradição francesa, Machado procura seus modelos em outro lugar, tentando encaixar as formas satíricas e de romance sem temporalidade histórica na realidade brasileira. Os ingleses foram importantes na visão de Eugenio Gomes, que fez um estudo sobre os autores que influenciaram Machado com menor ou maior intensidade, e cita entre eles Shakespeare, Swift, Fielding, Sterne, Lamb, Thackeray e Dickens, dos quais o autor brasileiro teria aprendido a fazer humorismo (1949, p. 14).

De sarcasmo e ironia está repleto o conto *Capítulo dos chapéus*, no qual se narra a história de uma mulher de classe média de Rio de Janeiro, casada com o advogado Conrado que, a causa de uma discussão com seu marido por um chapéu que ele usa, decide de fazer um passeio com uma sua velha amiga no centro da cidade. É importante dizer que Mariana, desde quando estava casada, ficava sempre em casa e só saía com Conrado. A espécie de revolta interior que faz Mariana querer mudar sua vida rotineira nasce do fato que ela percebe e se ofende pelo sarcasmo com que o marido lhe faz o seu “discurso metafísico”, contudo não entenda, aparentemente e veremos o porque, o significado das suas palavras.

- A escolha do chapéu não uma ação indiferente, como você pode supor; é regida por um princípio metafísico. Não cuide que quem compra um chapéu exerce uma ação voluntária e livre; a verdade é que obedece a um determinismo obscuro. [...] O princípio metafísico é este: - o chapéu é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado *ab aeterno*; <sup>15</sup>

A falta de compreensão de sua ironia era, provavelmente, o que acontecia com a maioria dos leitores de Machado de sua época, e o escritor era consciente disso. Tanto é assim que o discurso de Conrado é rico em reflexões importantes, e passa quase

11 Candido, Antonio. “Dialética da Malandragem”. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993 p. 33.

12 Schwarz, Roberto. *Que horas são?* (Ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1987 p. 135.

13 Idem, p. 141.

14 <[http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/BT4522147.html#\[21\]%20EÇA%20DE%20QUEIROZ:%20O%20PRIMO](http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/BT4522147.html#[21]%20EÇA%20DE%20QUEIROZ:%20O%20PRIMO)> acesso em 20 de ago. 2005

15 De Assis, Machado. *Histórias sem data*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 59.

despercebido em uma leitura rápida de *Capítulo dos Chapéus*. Nele se fala em “ilusão de liberdade” dos compradores de chapéus, ilusão alimentada pelos chapeleiros. Fala-se também do chapéu como integração do homem, prolongamento da cabeça. Concluindo a suposição que “o homem seja o complemento do chapéu”<sup>16</sup>. Um pouco como acontece em *O capote* de Gogol, no qual a perda da vestimenta que o funcionário público mandou costurar com muito sacrifício corresponde à anulação do Eu do mesmo. Gomes lembra as palavras de Oscar Wilde “as verdades da metafísica são as verdades das máscaras”<sup>17</sup>. Podemos então concluir que “as coisas relacionadas à vida social” estão diretamente relacionadas com as máscaras que as pessoas utilizam representando a comédia humana que é a vida. Mas estes pensamentos não pertenciam ao mundo de Mariana, e assim Conrado e suas teorias saem de cena para deixar espaço ao ódio da esposa por aquele chapéu “torpe e ordinário” e, portanto, por Conrado como seu complemento. Daqui em diante os chapéus substituirão homens e mulheres na linguagem utilizada pelo narrador, coisas da *toilette* como símbolo da máscara vestida pelo ser social, máscaras em lugar de pessoas, portanto chapéus em vez das pessoas.

Segunda personagem que em uma primeira leitura parece também dupla é Sofia, motivo a expressão “honesto, mas namorada” com a qual é definida, e o costume dela de ter “olhos para todos os ingleses”. E ainda o narrador a descreve como “o troco miúdo do amor, que ela distribuía a todos os pobres...”<sup>18</sup> e que namorava por uma necessidade natural, por um costume de solteira. Mas nas leituras posteriores a sensação que caímos em uma interpretação errada de Sofia é muito grande. A amiga de Mariana não é dupla, é uma figura central, no *sentido duplo* porque vive no centro da vida mundana de Rio de Janeiro, e é *bem centrada* em suas opiniões, nem um pouco vacilantes, como o são, ao contrário, aquelas de Mariana ao longo do dia, o tempo no qual a história se desenvolve.

Ao dentista, lugar onde as amigas chegam após um passeio na Rua do Ouvidor, elas encontram o Viçoso, primeiro namorado de Mariana, que ficou confusa, “desorientada com a presença de um homem que conhecera em especiais circunstâncias”<sup>19</sup>. Já no passeio na rua do Ouvidor, cheia de chapéus masculinos e femininos que encantavam Sofia, Mariana tivera repulsão por eles. Nesse ponto da leitura percebemos a presença de algo que Machado de Assis já nos apresentou no conto *O Espelho de Papéis Avulsos*, coletânea por ele publicada em 1882, dois anos antes de *Histórias sem data*. No *Espelho* o narrador Jacobina, também protagonista da história, fala sobre a existência de duas almas “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”<sup>20</sup> e para comprová-la conta de quando, ainda muito jovem, se tornou alferes e, indo a visitar uma tia que morava em um sítio isolado, aconteceu uma transformação nele. Sua tia o chamava sempre de *senhor alferes*, obrigando os escravos a fazer o mesmo, até que a alma interior de Jacobina cedeu o espaço à alma exterior, o alferes, ou seja, ele se tornou *outro*. Por ironia da sorte um dia ele se achou completamente só, após a tia ter viajado para visitar um familiar doente e os escravos aproveitar da situação para fugir. Depois

16 Idem, p. 59.

17 Gomes, Eugênio. *Machado De Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958, p. 69.

18 De Assis. *Histórias sem data*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 61.

19 Idem, p. 63.

20 De Assis, Machado. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 164.

alguns dias de solidão ele se torna *nada*, único alívio era o sono, enquanto sonhava de ser alferes, mas durante o dia era um defunto. Até que um dia, passando na frente de um grande espelho que a tia tinha mandado a colocar no seu quarto, descobriu que, vestindo a farda, a imagem reflexa era integral e não a sombra que lhe aparecia quando se olhava sem ela. A farda era a sua alma exterior, sem as pessoas que o reconheciam como alferes e sem a farda ele não podia ser o *outro* no qual tinha se transformado, portanto era *nada*.

Também Mariana de *Capítulo dos Chapéus* tem duas almas, uma que lhe pertencia antes do casamento, e a outra que adquiriu após o casamento. As duas almas têm a característica de serem exteriores, sendo que são influenciadas pelos objetos e pelas pessoas nos quais Mariana *se espelha*, que Mariana *olha*, ou seja, o ambiente movimentado da Rua do Ouvidor, repleta de chapéus que a perturbam e lhe lembram a vida de solteira, e o tranquilo ambiente doméstico no qual gosta de viver como mulher casada. Portanto Mariana, a diferença de Jacobina, tem dupla alma exterior e coloca toda a sua força de vontade para escolher aquela que pertence à esposa fiel e boa dona de casa. A alma exterior de Mariana casada precisava se espelhar nas coisas da sua casa, para não deixar espaço a alma exterior da Mariana solteira, assim como Jacobina precisava se olhar no espelho vestindo a farda para se reconhecer o alferes no qual tinha se transformado. Mas enquanto Jacobina se não era alferes não era *nada*, Mariana se não era a virtuosa mulher casada tornava a ser a mulher solteira que já fora.

O olhar é um elemento fundamental da duplicidade, presente em outros contos do século XIX que enfrentam esta questão. Mas se Mariana tem duas almas exteriores, será que falta daquela interior? E será que ela nunca teve uma interior? Algo nos indica que Mariana tem a consciência da importância do olhar na formação da sua identidade ou alma exterior, que depois não é se não uma *máscara*. Esta sua consciência lhe permite de poder *escolher* qual delas queira ser, de dominar a situação. No conto *O espelho* outra figura feminina parece saber dominar a importância do olhar e das coisas para a formação da alma exterior, a tia de Jacobina, que não acidentalmente provoca a transformação no sobrinho dela, mas, ao contrário, parece saber muito bem o que está fazendo. De fato é ela quem domina os elementos provocadores da duplicidade: espelho, farda, título de alferes.

Será então que Machado de Assis, enquanto utiliza os seus personagens masculinos como descobridores de novas verdades, nos mostra as mulheres como velhas conhecedoras das mesmas verdades, tanto que não só não parecem intrigadas por discursos filosóficos, mas dominam tão bem a situação a ponto de saber dirigi-la a seu favor? De fato Mariana, quando finalmente consegue se livrar da amiga e voltar para seu lar tranquilizador, aparece preocupadíssima em ver o marido Conrado voltar com um chapéu novo e, prontamente, diz para ele: “bota fora esse; antes o outro.” *Outro* que novamente assume um sentido *duplo*, representa o *outro chapéu*, o antigo de Conrado, e o *outro Conrado*, que gostava do velho chapéu.

Mariana utiliza um jogo sutil de palavras, que poderia demonstrar que a moça estava sabendo muito bem o que acontecia com ela. Em uma conversa com a amiga Sofia, em um momento em que se encontram a sós, ela diz à amiga “que não lhe fizesse outra”, referendo-se ao fato de tê-la arrastada à câmara dos deputados sem o seu consentimento, mas que poderia muito bem significar que não queria que *lhe fizesse* a outra si mesma. Esta segunda interpretação poderia parecer arbitrária demais se não se



revelasse a mais adequada, na verdade, à resposta de Sofia, justificando-se dizendo que “sua intenção era boa, era restituir-lhe a posse de si mesma”<sup>21</sup>.

Um sentimento de atração e repulsa em relação à sociedade, é outro elemento presente em Mariana, representado no conto com a atração e repulsa em relação ao centro da vida carioca onde, ao contrário, se acha muito bem Sofia. A primeira, amante do sossego da sua casa, a segunda, do borbulhar dos chapéus na Rua do Ouvidor, tanto que Sofia chega a comentar que Mariana “parece da roça”<sup>22</sup>. A prosa literária do tempo no qual viveu também Machado de Assis, é uma das testemunhas, segundo Schwarz, da *impropriedade* do pensamento brasileiro. O Brasil de fato era um país agrário e independente dividido em latifúndios; a produção dependia do trabalho escravo e do mercado externo; a Independência fora feita em nome de idéias francesas, inglesas e americanas e, finalmente, o seu conjunto ideológico “iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles”<sup>23</sup>.

Voltemos à duplicidade em *Capítulo dos Chapéus* e a Mariana, que é sem dúvida a personagem principal da história, *dupla* e consciente da importância que as coisas têm em *fazer a pessoa*. A outra personagem feminina, Sofia, poderia também ser vista como o *duplo* de Mariana, enquanto Conrado e o Viçoso são um o duplo do outro no mundo de Mariana. O primeiro é o marido que corre o risco de se transformar no *outro* quando veste o chapéu novo, coisa que Mariana não quer porque seria um elemento, dentro da sua casa e não só na Rua do Ouvidor, que poderia fazer dela a *outra* que não quer mais ser. Uma interseção de duplos e suas interpretações para desconstruir e reconstruir a gosto, como em um personalizável quebra-cabeça.

Concluindo, podemos eleger *Capítulo dos Chapéus* como um dos contos de Machado de Assis mais ricamente composto de duplicidades, que estão longe, provavelmente, de ter sido inteiramente exploradas neste trabalho. Em uma análise como aquela feita aqui, se percebe como o autor Machado de Assis constrói com muito cuidado suas tramas e personagens, escolhendo elementos lingüísticos (nomes próprios, datas, adjetivos), cujo significado simbólico tem uma ligação fundamental com a “intenção” de sua obra. De fato, se falar da “intenção do autor” pode parecer fora de lugar segundo a maior parte da crítica literária do séc. XX, o mesmo não acontece com Machado. Portanto, além das leituras múltiplas que os múltiplos leitores podem fazer de uma mesma obra, as leituras deste conto de Machado, e provavelmente não só deste, já se apresentam múltiplas na sua duplicidade criada, intencionalmente, pelo mesmo autor através da sua narração. Na duplicidade de Machado observada no conto *Capítulo dos Chapéus*, objeto deste trabalho, e também em *O Espelho*, aqui citado, parecem assumir particular importância as personagens femininas dos dois contos, abrindo a possibilidade a uma investigação mais aprofundada, em próximos trabalhos, sobre o papel feminino nos contos de Machado de Assis.

## Referências Bibliográficas

21 De Assis, Machado. *Histórias sem data*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 66.

22 Idem, p. 63.

23 Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 13.



*Ilha de Santa Catarina*

- CAIVINO, Ítalo. *Contos fantásticos do século XIX*. Tradutores vários. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1964.
- \_\_\_\_\_. "Dialética da Malandragem". In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- DE ASSIS, Machado. *Histórias sem data*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Papéis Avulso*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- FISCHER, Luis Augusto. Contos de Machado: da ética à estética. In: Machado de Assis, uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.
- GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: O Machete e o Violoncelo. In: Contos, uma antologia. Gledson (org.). São Paulo: Companhia das letras: 1998.
- GOGOL, Nikolai. *O capote / O retrato*. Trad. Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- GOMES, Eugênio. *Espelbo contra espelbo*. Rio de Janeiro: Progresso Editorial, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5ª ed. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Que horas são? (Ensaio)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.